

CANUDOS, UMA TOCHA NA AMERICA LATINA

Juan Ignacio Azpeitia

Resumo: O presente artigo estuda, a partir do conceito de choque civilizatório no continente americano produto da invasão europeia, as reverberações dos acontecimentos de Belo Monte, no final do século dezenove no sertão baiano. O surgimento de uma organização comunitária alternativa sob a liderança de Antônio Conselheiro representou um fortíssimo questionamento à ordem pós-colonial que a nova República representava. Pela força da sua luta e sua inquebrantável resistência, os ecos de Canudos estão presentes na memória dos habitantes locais e ainda nos trabalhos de grande quantidade de estudiosos de todo o Brasil, que procuram fonte de inspiração para modelos de sociedade mais justos e igualitários. Sem tirar nem uma vírgula do valor que tem a luta dos sertanejos na configuração da nação brasileira, o objetivo deste trabalho é adicionar um olhar latino-americanista que permita apreciar a forma em que esse “modo de produção”, que coloca em primeiro lugar a sustentabilidade dos que trabalham a terra e nela habitam, é um acontecimento recorrente na história do continente e pode ser interpretado como um retorno a formas de convivência “mais civilizadas” anteriores à introdução da “barbárie” europeia.

Palavras-Chave: Canudos. América latina. Sublevação.

Resumen: El presente artículo estudia, a partir del concepto de choque civilizatorio en el continente americano, producto de la invasión europea, las reverberaciones de los acontecimientos de Belo Monte, en el final del siglo diecinueve en el sertón bahiano. El surgimiento de una organización comunitaria alternativa bajo el liderazgo de Antônio Conselheiro representó un importante cuestionamiento al orden post colonial que representaba la nueva República. Por la fuerza de su lucha y su inquebrantable resistencia, los ecos de Canudos están presentes en la memoria de los habitantes locales y también en los trabajos de gran cantidad de estudiosos de todo Brasil, que buscan una fuente de inspiración para modelos de sociedad más justos e igualitarios. Sin sacar ni una coma del valor que tiene la lucha de los “sertanejos” en la configuración de la nación brasileña, el objetivo de este trabajo es agregar una mirada latino-americanista que permita apreciar la forma en que ese “modo de producción”, que coloca en primer lugar la sustentabilidad de los que trabajan la tierra y en ella habitan, es un suceso recurrente en la historia del continente y puede ser interpretado como un retorno a formas de convivencia “más civilizadas” anteriores a la introducción de la “barbarie” europea.

Palabras clave: Canudos. América latina. Sublevación.

Tirando o véu do nosso continente

No relato clássico sobre o conflito de Canudos – e sobre os episódios semelhantes que aconteceram na América Latina – a ideia que domina o debate é o enfrentamento entre “Civilização e Barbárie” como fora colocado explicitamente por Domingo F. Sarmiento no seu *Facundo* (SARMIENTO, 1921), que leva esse subtítulo. Porém, essa descrição não se corresponde com uma realidade histórica, trata-se de um relato que foi construído pelos invasores europeus com a finalidade de legitimar o modo bárbaro e brutal em que eles destruíram os povos que habitavam este continente. Quando começou o período de expansão colonial, Europa estava saindo da idade das trevas. Para o ano mil quinhentos em Londres moravam umas cinquenta mil pessoas enquanto em Tenochtitlán, capital do Império Azteca no México, vivia quase meio milhão. A batata, o milho, o tabaco, o cacau, todos eles eram desconhecidos e foi graças a eles que as populações europeias conseguiram resolver os crônicos problemas de fome. Os abundantes minerais, ouro e prata principalmente, que os povos americanos extraíam e trabalhavam, foram encher as arcas dos piratas. Foi da América que veio a “acumulação originária” que Marx descreve como início do capitalismo.

Quando nos debruçamos sobre os relatos que Guaman Poma de Ayala faz das atrocidades cometidas pelos “padres da igreja” compreendemos cabalmente de qual lado ficava a barbárie. Seu livro *Nueva Coronica y buen gobierno* (GUAMAN POMA DE AYALA, 1613) traz em primeira mão a visão de um americano sobre a conduta dos invasores europeus e desnuda como ninguém o duplo jogo de cumplicidade e hipocrisia implícitas nas atividades dos “colonizadores”.

Como os ditos padres e curas entendem em fazer roupa de finas e delicadas para mulheres, e cintos para vender, dizendo que são para os prelados, lhe manda, e comissários, lhe faz fazer roupa e ocupa aos pobres índios e não paga a eles coisa nenhuma em todo o reino.

Enrique Dussel descreve o processo de apropriação do nosso continente pelas potências europeias utilizando quatro conceitos ou figuras (*Gestalten*): Invenção, Descobrimento, Conquista e Colonização.

Começando na sua leitura do idealismo Hegeliano que pensa a Europa como fim último da história universal, inclui nessa linha também a Marx, Weber, Habermas, e vários outros. Todos eles consideram o modelo da Europa Central como única possibilidade de desenvolvimento da humanidade. O mito fundacional da modernidade coloca as potências coloniais em posse de uma superioridade que se opõe às outras culturas (asiáticas, africanas ou americanas) que se encontrariam em estado de imaturidade infantil. A divisão de “velho mundo” e “novo mundo” indica o paternalismo desta visão e justifica as atrocidades cometidas na “missão” de levar o conhecimento a essas terras habitadas por pessoas inferiores e selvagens.

A partir dos testemunhos da época, Dussel mostra como o próprio conceito de América foi “inventado”. Nos primeiros anos que seguiram a chegada de Colombo ainda persistia a ideia de que as terras encontradas pertenciam ao continente asiático. Muitas expedições foram feitas procurando a rota para a Índia acreditando que estavam contornando o território da China, confundindo o Orinoco com o Ganges. Assim os habitantes foram chamados de “índios”.

Isto é o que chamamos a “invenção” do “ser-asiático” de América. Ou seja, o “ser-asiático” deste continente só existiu no “imaginário” daqueles europeus renacentistas. Colombo abriu, política e oficialmente, na Europa a porta à Ásia pelo Ocidente. Pero com su “invención” pudieron seguir existiendo, como la Santa Trinidad, las “Tres Partes” de la Tierra (Europa, Africa y Asia) (DUSSEL, 1994).

O pensamento medieval estava fortemente marcado pela trindade cristã, talvez por isso relutaram tanto em considerar um quarto continente. Isto somente aconteceu a partir das navegações do italiano Américo Vespúcio. O *ego* europeu não teria resistido à existência de um outro mundo. Se caracterizou a situação como “descobrimto”, o novo mundo seria apenas uma imitação do original. Assim nasceriam Nova Espanha, Nova Granada ou Nova Iorque. A partir desse momento Europa começa a ser o centro do mundo e o resto vira periferia.

O conceito de “conquista”, terceiro conceito que traz Dussel, sai do âmbito do conhecimento, da identidade, das características culturais ou topográficas, é uma ideia pragmática, militar de dominação: não sei quem vocês são,

nem como vivem, nem o que fazem, mas vou tomar conta de vocês e de tudo que lhes pertence. A crônica de Bartolomé de Las Casas é absolutamente eloquente em relação à situação de expropriação forçada perpetrada pelos invasores.

A causa pela que tem morrido e destruído tantas e tais e tão infinito número de animas os cristãos tem sido somente por ter como fim último o ouro e se encher de riquezas em muito breves dias e subir a estados muito altos e sem proporção de suas pessoas, convêm a saber: pela insaciável cobiça e ambição que tem tido, que foi a maior que no mundo ser pôde, por ser aquelas terras tão felizes e tão ricas, e as gentes tão humildes, tão pacientes e tão fáceis de assujeitar, às quais não tiveram mais respeito nem delas tem feito mais conta nem estima (falo com verdade, pelo que sei e tenho visto todo o dito tempo) não digo que de bestas, porque prouvesse a Deus que como a bestas as tiveram tratado e estimado, no entanto, como e menos que estrume das praças (DE LAS CASAS, 2011).

A expedição de Hernán Cortés expõe esta mentalidade, segundo a qual as civilizações que se encontraram no caminho deveriam ser subjugadas e aniquiladas. A inspição religiosa que levava a expulsão dos muçulmanos das terras ibéricas impulsionou da mesma forma este novo capítulo da luta contra os “infiéis”.

A quarta figura, a “colonização” é a que nos traz até nossos dias. A ideia de colônia, afirma Dussel, vem do Império Romano, as colunas que sustentavam o Estado, formadas por cidadãos que eram obrigados a falar latim e a pagar tributos. Na América Latina, os antigos tributários de Roma conseguiram reproduzir a estrutura de dominação da que foram vítimas, se colocando eles agora no centro do poder. O colonialismo começou na América Latina antes que na África e na Ásia, a possibilidade de apropriação da vida dos nativos e sua riqueza acendeu a cobiça e a crueldade dos europeus.

Essa colonização começou pelo litoral, pois foi realizada com base na dominação naval, e somente depois foi se estendendo para o interior do território. No caso particular da Bahia, a casa García D’Avila controlou a faixa costeira desde a cidade de Salvador, adentrando os sertões até o atual Estado do Piauí. As populações originárias foram escapando e procurando refúgio

nas terras mais distantes, até onde o braço do colonizador não poderia chegar. Utilizando como referência o caso de Tomochic no México – contemporâneo de Canudos – observamos o mesmo movimento: os nativos se refugiaram na Serra Madre Tarahumara e aí ficaram por um bom tempo a resguardo do poder central. Na Argentina, os povos originários foram sendo enviados cada vez mais ao sul, confinando sua influência a terras menos produtivas. Até nos dias atuais podemos observar como o agronegócio e o garimpo vão encurralando as populações indígenas do Brasil no mesmo sentido.

O mundo do século XIX

A cobiça crescente nas Metrôpoles abriu caminho para as lutas internas. O final do século XVIII trouxe a expulsão das missões Jesuíticas e isso deixou as populações locais sem ninguém para se opor ao desejo de exploração dos latifundiários e garimpeiros que de forma brutal foram avançando sobre as terras e as riquezas ainda disponíveis para saciar sua sede e ganâncias imediatas. Apenas os caudilhos locais poderiam oferecer algum tipo de proteção à população nativa, sempre em troca de lealdade e servilismo.

A crise da dominação católica na América se completa com as invasões napoleônicas que têm um impacto direto no mundo hispânico, mas também são a causa direta da independência do Brasil e do começo do período Imperial. Também consequência de Napoleão é a compra da Louisiana que daria início à expansão das antigas colônias britânicas para o oeste.

Na América Latina as oligarquias nacionais vão se apropriando rapidamente dos recursos naturais, articuladas com o esquema agroexportador que a nova potência dominante – o Império Britânico – impõe. O “sistema-mundo” (WALLERSTEIN, 1974) vai conquistando cada vez mais espaços e sua voracidade não conhece limites.

Chegando ao final do século XIX, os descendentes dos bandeirantes já têm o controle da maior parte dos centros produtivos do Brasil, mas a aspiração do governo central é o controle da totalidade. O governo Imperial é “bonzinho” demais e então surge a “República da Espada”. No México

o “Porfiriato” como ficou conhecido o governo ditatorial do General Porfírio Díaz assume esse mesmo papel. Na Argentina a “geração de ‘80” com General Julio A. Roca inicia a carnificina chamada “Conquista do Deserto” em que são quebrados os pactos preexistentes com as nações indígenas que habitavam a Patagônia. Na América do Norte, depois da guerra contra o México que acaba anexando Califórnia e Novo México, os pioneiros partem para exterminar os nativos no Velho Oeste.

Esse processo tem um protagonista de que poucas vezes se fala quando pensamos no conflito em Canudos: a estrada de ferro. A Conquista do Oeste Norte americano foi possível a partir da ferrovia unindo ambas as costas. Na Patagônia, também o trem possibilitou a chegada dos materiais bélicos para a campanha. No México, Porfírio Diaz construiu 25.000 quilômetros de trilhos. E o trem que chega até Monte Santo, base das operações militares, fez possível a chegada de um exército regular até o sertão para desenvolver a campanha de Canudos. Esse processo de invasão que começou pelo litoral, pelos mares, com o novo meio de transporte agora poderia também controlar aquelas regiões mais distantes.

Como afirma Robert Levine

o conflito de Canudos aconteceu numa conjuntura diferenciada na história brasileira, quando um novo (e temido) sistema político tinha começado a agravar condições de privação de longa data. Como aconteceu na Europa medieval, o movimento de Conselheiro não afetou somente a pessoas excluídas da fonte da mudança social – neste caso, o mundo das elites do litoral – mas elementos procurando mudanças não no meio rural per se, mas na conduta piedosa. As reformas perseguidas pelos clérigos ultramontanos para as práticas católicas no sertão, eram tão problemáticas para os sertanejos como a queda da monarquia, o advento da estrada de ferro e a penetração do governo republicano (LEVINE, 1992).

Os futuros protagonistas dos conflitos, em todos os casos, já existiam. O Conselheiro, e outros como ele, já percorriam o sertão. Os gauchos, nos pampas, viviam livres, soltos, cuidando do seu gado, sem patrões, sem impostos, sem documentos de identidade. Nas terras do Barão de Jeremoabo

os homens do tipo de Pajeú tinham seus animais e suas formas de vida independentes, autossustentáveis, diríamos hoje. Na Serra Madre, Cruz Chaves, tinha sua comunidade, seus animais, seus rituais religiosos sem quase contato com o poder central. Todas essas existências representavam um claro desafio para a imposição da nova ordem e sua abrangência territorial. O modelo agro exportador precisava de excedente, e se o povo consumia o que produzia, então não sobrava nada. Sobrava esse povo.

Fin de siècle

A tecnologia está toda disponível quando se aproxima o final do século XIX. O modelo prussiano representa uma teoria militar de ocupação do terreno. Forças disciplinadas, obedientes, com estrutura hierárquica piramidal, estão disponíveis para levar adiante a missão. As armas de fogo foram aperfeiçoadas de modo que o combate pudesse ser librado a maior distância, canhões e metralhadoras são as protagonistas destes encontros marcadamente desiguais em todo o continente.

O primeiro passo é a criminalização. O interesse econômico deseja o extermínio dessas populações, mas precisa obter um certo consenso da sociedade para cumprir sua façanha. É necessário estigmatizar o inimigo. Os “índios” da patagônia serão acusados de saqueios, de violar as mulheres, muitas estórias serão contadas. O gaúcho, “Martin Fierro” (HERNANDEZ, 1962) é exemplo claro disso, será chamado de preguiçoso, trapaceiro e tentarão forçar a sua participação nos exércitos invasores. Os sertanejos, serão os “jagunços”, fanáticos, “raça inferior”. Na conquista do Velho Oeste, os norte-americanos, mas de cem anos depois, ainda continuaram fazendo filmes para justificar os crimes cometidos contra os “peles vermelhas”, quilômetros de celulóide gastos em mostrar o “mocinho”, sozinho, matando quinhentos “selvagens”.

A operação realizada no México com Cruz Chaves é um espelho do que fizeram com o Conselheiro. Primeiro acusaram o povo de Tomochic por um roubo a um comboio que pagava salários das minas e, como castigo, mudaram as rotas deixando a cidade sem ingressos e sem comunicação. De-

pois enviaram emissários da igreja católica que, supostamente, iriam contemporizar a situação. O padre que visitou Tomochic fez a mesma coisa que os capuchinos fizeram em Canudos, rejeitou os seus rituais e práticas religiosas e desconheceu a liderança espiritual do Cruz Chaves. O resultado foi idêntico, o enviado da hierarquia eclesiástica foi expulso e foi ele mesmo quem solicitou a intervenção das autoridades militares.

Similar estratégia foi aplicada em Canudos em forma paciente. Primeiro tentaram isolar o Conselheiro, acusando-o de um crime impossível – o assassinato da sua mãe – e com esse argumento tentaram tirar ele do Estado da Bahia. Como ele retornou e organizou seus seguidores num local distante, onde até então as forças militares não chegavam, foi criada a situação com o Juiz Arlindo Leoni. O juiz, que não tinha conseguido reprimir as manifestações de Masseté, aproveita um desacordo com um provedor de madeiras para solicitar o envio da força pública contra os moradores do arraial.

As condições estavam prontas em todo o continente para acabar com a resistência à implantação extensiva do modelo. A força pública foi mobilizada e as campanhas na imprensa atacaram com suas ferramentas favoritas.

O “milénarismo”. Esta ideia, e suas variações, foi jogada na cara dos rebeldes do continente. Eles seriam “suicidas” que acreditam no fim do mundo, somente isso pode explicar sua conduta antissistema. Em Tomochic são acusados de seguir os ensinamentos da “Santa de Cabora” uma adolescente de origem indígena que defende a liberdade do seu povo. O Conselheiro será chamado “Sebastianista”, anticristo e quantas outras coisas pudessem ser ditas para desacreditar a justiça da sua luta. Na Argentina existe a lenda do “Gauchito Gil” – coincidentemente também chamado Antônio Gil – um guia espiritual que teria resistido ao recrutamento forçoso pelo exército. A pecha de milénaristas e messiânicos foi impingida aos rebeldes do Sul boliviano. Milhares de ameríndios caíram na batalha de Kuruyiki em 1892 e o líder Apiawaiki Tumpa foi executado, mas não se renderam, preferindo morrer lutando. A narrativa oficial dirá que na sua “ignorância” preferiram morrer porque acreditavam que o mundo de todas formas estava prestes a acabar.

O modelo de exército prussiano, aplicado em forma calcada e sistemática no continente, sofreu também incidentes semelhantes. A teoria militar fora desenhada para o combate entre exércitos regulares de características semelhantes que se enfrentavam em condições de paridade de poder, por isso os grandes fracassos ao enfrentar pequenas populações que apenas defendiam seu direito a existir. Em Tomochic, igual ao que aconteceu em Canudos, a primeira arma dos defensores foi a surpresa. O que hoje poderíamos chamar de “inteligência militar” derrotou a primeira guarnição enviada para reprimir os rebeldes. Informação adequada conseguiu prevenir os seguidores de Cruz Chaves de forma que nada encontraram os soldados que chegaram em um primeiro momento. A surpresa também foi fundamental na vitória de Uauá, a primeira, que fomentaria a coragem dos seguidores de Antônio Conselheiro.

A segunda tentativa não foi melhor sucedida em nenhum dos dois casos. A incompetência das lideranças foi colocada como desculpa para o que, em rigor de verdade, era uma amostra da inadequação da estrutura mobilizada e as motivações tão diferentes entre os bandos enfrentados. Não está claro se foi o General Felipe Cruz ou Rosendo Márquez, há versões encontradas sobre quem era o comandante, mas todos coincidem em que houve uma campanha em Tomochic dirigida por um alcoólatra que ordenou uma ofensiva contra um milharal e enviou telegrama para Porfírio Diaz afirmando ter liquidado o inimigo. É famosa a frase “almoçaremos em Canudos” dita pelo Coronel Moreira César, que esse mesmo dia não conseguiria nem fazer a última refeição da sua vida. O fracasso coletivo foi diluído procurando apontar responsáveis individuais.

Quando finalmente os exércitos nacionais convocam uma desproporcionada força —quanto a materiais e mão de obra— tanto em Tomochic como em Canudos, eles criam um cerco que impede a entrada e saída dos locais. Em uma mensagem inesquecível para as futuras gerações de americanos, os sublevados não ser entregam e combatem até o último guerreiro. O sinal é claro, existe uma forma de viver a vida em liberdade, em comunidade, mais antiga e equilibrada que o modelo que propõem os invasores. A vida que eles querem é essa, a outra não vale a pena ser vivida.

Literatura, história e memória

A construção das identidades – sejam sociais, étnicas, nacionais – requer relatos que as expliquem e justifiquem. Essas narrativas não precisam, em forma alguma, ser verdadeiras basta com que sejam reiteradas e façam parte do discurso do poder. Os nacionalismos basco e catalão, na Espanha, começaram a cobrar força a partir de um resgate preciso de elementos do passado que permitem configurar essa “identidade” e construíram uma narrativa que a sustenta. As comunidades da diáspora africana enfrentam o mesmo desafio de revisitar suas origens e os episódios traumáticos de sua história para assim conseguirem um futuro livre de estigmatizações.

A procura pela identidade é uma constante na literatura latino-americana, a procura por um direito que lhe foi negado na origem. A colonialidade do Poder tem muita responsabilidade nas distorções produzidas diante do espelho europeu. Um grande desafio representa o caminho para desvendar essa América Profunda, que ressurge uma e outra vez em Canudos, em Tomóchic, e onde quer que o povo se organize para viver sua vida livremente.

Os textos historiográficos quase sempre têm o costume de apresentar sua versão dos acontecimentos e deixar claramente estabelecida a posição do autor sobre os fatos. A obra literária não tem essas limitações e talvez esteja aí o segredo da sua importância. A polifonia dos textos é sua grande fortaleza simbólica e cultural.

Euclides da Cunha afirma claramente que o que se fez em Canudos “foi um crime” (CUNHA, 2016). Se fosse um relato coerente cientificamente, a continuação deveria apresentar a descrição dos criminosos. Pelo contrário, encontramos em *Os sertões* o relato do fanatismo e o comportamento selvagem das vítimas do crime, os moradores de Canudos. Sua densidade artística talvez esteja nessa dualidade na qual a obra se exprime. É um “instantâneo” do enfrentamento, talvez ajude ainda o pontilhismo obsessivo de Euclides, que não pode evitar a presença de imagens que fogem ao controle do fotógrafo – esses invisíveis que, de pronto, se fazem notar no texto: a capacidade de organização dos habitantes de Belo Monte, a solidariedade entre eles e a

resistência até o fim. Fora do libreto do regime, o livro de Euclides traz isso que incomoda, e por isso será utilizado pelos adversários políticos do regime que aniquilou o povoado de Belo Monte. A narrativa de ficção tem essa capacidade de absorver aspectos contraditórios de uma realidade e trazê-los para perto do leitor em estado de conflito.

Heriberto Frías (1899) percorre um trajeto bem semelhante, dado que também fazia parte do exército agressor. Começa encarando o dever civilizatório da campanha contra Tomóchic como uma obrigação de pessoa de bem. Seu personagem principal se enxerga a si próprio como redentor de uma dama que se encontra em poder da barbárie para finalmente observar que os combatentes de Tomóchic são muito valorosos porque estão defendendo suas casas e suas famílias. Se defronta com sua incapacidade para “salvar” a alguém, já que a moça com quem ele sonha escolhe morrer na luta.

A arte, neste caso a Literatura, como espaço de memória merece toda nossa atenção. Observamos que, apesar das contradições que apresentam, de escolher muitas vezes o padrão de pensamento eurocêntrico como organizador e justificativa do discurso, os textos literários, na sua polissemia, são capazes de conter a força das emoções e o legado cultural das lutas dos nossos ancestrais. A cultura é um meio privilegiado para a transmissão desse tipo de conhecimento, atemporal, ou cujos efeitos têm duração muito maior do que uma vida humana. Nas batidas dos tambores e nos cânticos da capoeira, por exemplo, os descendentes das populações brutalmente levadas pra fora da África conseguiram cifrar suas mensagens, preservar sua cultura e alimentar seu espírito de resistência. E forma análoga na América Latina, a preservação dos rituais, os nomes dos locais, as formas de viver e “estar” em comunidade tem sobrevivido às tentativas de apagamento e exclusão tenazmente instituídas pelos invasores.

A persistência das culturas nativas, dos modos de civilização mais antigos, tem nos relatos de lutas do passado um espaço destacado. Ressignificar esses textos é uma operação adequada à construção de uma identidade latino-americana dinâmica que permita reconhecer os interesses comuns de nossos povos, na medida em que são compreendidas as agressões semelhantes

que estamos suportando a partir da invasão do continente pelos europeus. O estabelecimento do sistema-mundo baseado no eurocentrismo trouxe inúmeros sofrimentos às populações de distantes pontos do planeta.

A valorização das lutas, a desconstrução dos preconceitos raciais e culturais, o resgate dos relatos que constroem nossa América é fundamental nesse caminho do futuro. Por isso afirmo ser importante identificar Canudos como uma tocha que alumia com seu resplendor o destino da América Latina. Dessa forma não diminui em nada sua importância no contexto local, com suas particularidades e escolhas. Mas serve também como lembrete para os brasileiros da existência de inimigos comuns ao livre desenvolvimento das nossas potencialidades. A inferiorização dos colonizados se completa perfeitamente com a fragmentação das suas lutas. Criminalização das lideranças, procura de bodes expiatórios e explicações que tiram a racionalidade das reivindicações.

Canudos é luz, é guia. Mais valioso ainda sabendo que não foi o único, que no nosso continente existem muito irmãos que passaram por experiências semelhantes e que também estiveram dispostos a entregar suas vidas pela sua cultura, pelo seu povo. As culturas não morrem, como nunca morrem os heróis que conseguem interpretar a força do povo e guiá-los no conflito. A vitória ou derrota militares são muitas vezes irrelevantes para o efeito da história. O campo de batalha das letras é onde as consequências da coragem podem encontrar melhor abrigo para seus sonhos.

Os guerreiros de Canudos, de Tomochic, da Patagônia, do Kuruyiki e de tantos outros pontos de resistência americanos vivem em nós. Eles renascem cada vez que decidimos lembrar sua força e sua retidão. Em cada encontro com as pessoas que mantêm viva a memória do Arraial de Belo Monte, na música, na academia, nas letras ou simplesmente no espírito das suas vivências, em cada ocasião encontramos essa tocha, esse fogo sagrado que grita “somos livres, esta é aqui que nosso povo merece ser feliz”.

Referências

DA CUNHA, Euclides. *Os sertões. Os Sertoões-Edicao Critica*. Walnice Nogueira Galvão (Org.). São Paulo. Ubu Editora, 2016.

DE LAS CASAS, Bartolomé. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Medellín: Universidad Nacional de Antioquia, 2011.

DUSSEL, Enrique. *1492: El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad* La Paz: UMSA. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Plural Editores, 1994.

FRIAS, Heriberto. *Tomochic*. Barcelona, México, Buenos Aires: Casa editora Maucci, 1899.

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Corónica y buen gobierno*, 1613. Disponível: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>. Acesso em: 2 fev. 2020.

HERNANDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro*. Buenos Aires: Eudeba, 1962.

LEVINE, Robert M. *Vale of tears*. Los Angeles: University of California Press. 1992.

SARMIENTO, D.F. Facundo. *Buenos Aires*. Librería “La facultad”, 1921.

WALLERSTEIN. I. *The modern world-system*. London/New York: Academic Press Inc, 1974.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.